

Médicos cariocas só não cuidam da própria saúde

ELAINE RODRIGUES

Desde que passou a chefiar a equipe de plantão no sábado à noite do Hospital Miguel Couto, o cirurgião geral Ivan Drumond, 12 anos de profissão, perdeu a noção de que domingo é dia de lazer. A tensão de passar a madrugada numa correria louca contra a morte, agravada pelas discussões com colegas de outros hospitais que querem transferir pacientes a qualquer custo, tem um preço. Ao chegar em casa, Ivan só consegue dormir se tomar um calmante.

— Quando acordo, estou um bagaço, não consigo fazer mais nada — conta o médico. Com dez quilos acima do peso ideal, Ivan perdeu a conta de quantas vezes fez a si mesmo a promessa (não cumprida) de que iria começar a caminhar na praia.

Como Ivan, outros profissionais de saúde submetidos ao desgaste das emergências estão testando o limite de sua própria resistência. Em consequência, estão engordando as estatísticas dos males causados pela vida sedentária. Há dois anos, uma pesquisa revelou que 52% dos 200 médicos do Hospital Universitário Pedro Ernesto tinham tido algum distúrbio cardíaco-vascular — como hipertensão, enfarte ou arritmia cardíaca.

A pesquisa, feita pelos médicos Adyr Fonseca Jordano, Ana Miranda e Luiz Roberto Tenório, que hoje é presidente do Sindicato dos Médicos, é uma das poucas do gênero. Não é de estranhar: médico não gosta de ir ao médico.

Daí à automedicação é um pulo. Na pesquisa da Uerj, descobriu-se que 43% dos médicos do ambulatório do Pedro Ernesto — porta de entrada do hospital — tinham feito uso de algum tranqüilizante em 1992. E que 30% do corpo de enfermagem do hospital havia procurado algum tipo de assistência psiquiátrica em 1991. Na esteira do achatamento salarial e da crise na saúde pública, a situação só piorou.

